



PALÁCIO DE SETEAIS.
NA VANGUARDA
DO ROMANTISMO

Jorge Batista

Resumo

O cônsul Daniel Gildemeester inaugurou no dia 25 de Julho de 1787 um palácio localizado junto ao público campo de Seteais, em Sintra. O Palácio de Gildemeester adoptaria o nome de palácio de Seteais em virtude do topónimo em que se encontra implantado. Projectado pelo arquitecto inglês William Elsdén, a primitiva estrutura seria alvo de uma importante campanha terminada em 1802, patrocinada pelo 5.º marquês de Marialva, D. Diogo Vito de Menezes, com risco do arquitecto português José da Costa e Silva, que aumentou e transformou num majestoso palácio que o tempo conservou até aos nossos dias. Ao longo de mais de dois séculos o palácio de Seteais conheceu vários proprietários e encantou gerações de sintrenses e estrangeiros, que se deslocavam a Sintra para veranejar ou a pretexto do *Grand Tour Continental*. Perpetuado nos *carnets* de viajantes e na poesia e ficção de portugueses e estrangeiros, o palácio é, ainda hoje, uma das estruturas arquitectónicas mais extraordinárias do cenário sintrense. No trabalho que agora apresentamos estudámos as duas principais campanhas de obras de que o palácio de Seteais foi alvo, a sua zona envolvente e a literatura e a poesia que o imortalizaram.

Palavras-chave: Palácio de Seteais, Gildemeester, Elsdén, D. Diogo Vito de Menezes, Costa e Silva, Grand Tour

Abstract

On July 25, 1787, Consul Daniel Gildemeester inaugurated a palace located next to the Seteais commons in Sintra. The Gildemeester Palace would eventually adopt the name of Seteais Palace based on its location. Designed by the English architect, William Elsdén, the original structure was the target of a major alteration, sponsored by the 5th Marques of Marialva, Dom Diogo Vito de Meneses, and completed in 1802. The design changes were made by the Portuguese architect, José da Costa e Silva, who expanded and transformed the building into a majestic palace that time has preserved up to the present. For over two centuries, Seteais Palace had several owners and delighted generations of local inhabitants and foreigners, who came to Lisbon for their summer holidays or as part of their Grand Continental Tour. Preserved in travellers' *carnets* and Portuguese as well as foreign poetry and fiction, the palace remains one of the most remarkable architectural structures of the Sintra landscape. This work presents our study of two major moments targeting the Seteais Palace, its surroundings as well as the literature and poetry that immortalized it.

Keywords: Seteais Palace, Gildemeester, Elsdén, D. Diogo Vito de Menezes, Costa e Silva, Grand Tour

PALÁCIO DE SETEAIS. NA VANGUARDA DO ROMANTISMO

Jorge Batista

Doutorando em História da Arte

*Every man has, at some time of his life, personal interest
in architecture*

John Ruskin, *The Stones of Venice*

O Palácio de Seteais é o exemplar de arquitectura civil neoclássica mais paradigmático do concelho de Sintra e, sem sombra para dúvidas, um dos mais importantes e relevantes no panorama nacional. O seu fundador, Daniel Gildemeester, inaugurou-o no dia 25 de Julho de 1787 com um banquete que o famoso William Beckford viria a eternizar no seu diário publicado já no século XVIII¹. A propriedade que inicialmente dava pelo nome de Quinta da Alegria foi, a pouco e pouco, adquirindo o nome do topónimo do campo que actualmente a enquadra – o Campo de Seteais. É, ainda hoje, um dos locais mais exclusivos da Europa.

A sua beleza arquitectónica em perfeita harmonia com a exuberante, e não menos valiosa, envolvente natural conferem-lhe uma extraordinária

¹ Beckford, William, *Diário de William Beckford (em Portugal e Espanha)*, Lisboa, 1957; Beckford, William, *A Corte da Rainha D. Maria I*, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa, 1901.

elegância digna de registo em todo o mundo. A desafogada vista sobre a paisagem saloia e o Oceano Atlântico, para um lado, e o colorido Palácio da Pena, solidamente implantado sobre uma penha no alto da serra, a que os antigos chamavam Monte da Lua, para o outro, deslumbrou gerações de residentes e turistas portugueses e estrangeiros.



Fig. 1 – Perspectiva geral do Palácio de Seteais

Daniel Gildemeester, natural de Utrecht, cônsul dos Países Baixos em Portugal e um abastado e bem sucedido negociante de diamantes protegido pelo Marquês de Pombal², foi o fundador da então Quinta da Alegria. A grande fortuna que possuía permitiu-lhe a construção de um singular palácio ao gosto dos homens esclarecidos do seu tempo, com projecto da responsabilidade do arquitecto inglês William Elsdon. Daniel Gildemeester morreu a 14 de Fevereiro de 1793.

² França, José-Augusto, *A Arte em Portugal no Século XIX*, 1.º Vol., Bertrand, Lisboa, 1990, p. 28.

No ano anterior, o cônsul tinha solicitado à rainha D. Maria I autorização para a realização de um fideicomisso³ sobre a Quinta da Alegria⁴ para que os seus filhos não a pudessem vender ou empenhar. Tal não aconteceu, pois a propriedade foi avaliada e o seu valor dividido amigavelmente pelos dois filhos e pela viúva, D. Joana Goran, que continuou temporariamente proprietária do palácio. Em 19 de Setembro de 1796, encontrava-se a viúva a viver em Inglaterra e o seu procurador⁵, Carlos José Van Nés, tentou vender o palácio em hasta pública, o que acabou por não acontecer.

Porém, menos de um ano mais tarde, a propriedade abandonaria definitivamente a posse da família do seu fundador e foi adquirida, a 1 de Agosto de 1797, por D. Diogo José Vito de Menezes Noronha Coutinho, 5.º marquês de Marialva e estribeiro-mor da rainha D. Maria I⁶. As campanhas de obras que ali viria a realizar, no início da centúria seguinte, conferiram ao Palácio de Seteais o elegante recorte que ainda hoje lhe conhecemos.

A estrutura arquitectónica construída pelo primeiro proprietário contava apenas um volume em forma de U. O 5.º marquês de Marialva acrescentou-lhe um outro, simétrico, à direita (na perspectiva de quem está virado a ocidente a partir do Campo de Seteais). A unir as duas harmoniosas fachadas, encontramos um arco triunfal, encimado por uma homenagem ao então príncipe regente D. João e à sua mulher, D. Carlota Joaquina, que ali visitaram o marquês no ano de 1802.

Ambos os corpos apresentam volumetrias rectangulares; porém, enquanto o antigo palácio apresenta três pisos e um pátio interior, o novo

³ Disposição testamentária que encarrega os herdeiros a conservar na sua posse determinada herança e legá-la a outrem por sua morte.

⁴ Fideicomisso sobre a Quinta da Alegria.

⁵ Segundo o documento de Procuração.

⁶ Contrato de compra e venda da Quinta da Alegria.

volume apresenta apenas dois pisos. Refira-se que a fachada da estrutura mais antiga se apresentava inicialmente virada a Sul – algo que o marquês conseguiria alterar ao conquistar o usufruto do público Campo de Seteais, na parte de cima da propriedade. E foi assim que a fachada principal passou para Oriente.



Fig. 2 – Arco triunfal comemorativo da visita dos Príncipes Regentes



Fig. 3 – Pormenor do arco triunfal, destacando-se as efígies dos Príncipes Regentes e a inscrição laudatória

As fachadas dos dois volumes unidas pelo arco triunfal são praticamente iguais. A gramática decorativa é claramente neoclássica. Há uma harmoniosa beleza geométrica nesta fachada de aparato. O arco triunfal, que une os dois corpos, apresenta um arco de volta perfeita – que permite o acesso ao miradouro público – ladeado por dois nichos que outrora abrigavam duas esculturas. Na parte superior, decorada com grinaldas e festões, uma cartela onde se inscreve uma homenagem real.

Esta cartela apresenta-se sobrepujada por panóplias militares que enquadram uma medalha de bronze da autoria de Joaquim Timóteo da Silva⁷, com as efígies de D. João e de D. Carlota Joaquina encimadas pela coroa

⁷ Segundo Recibo existente no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Sintra.

real. Crê-se que o arco triunfal seja da autoria do escultor Francisco Leal Garcia⁸. Refiram-se ainda os programas fresquistas do interior – em parte executados por Jean-Baptiste Pillement⁹ ou, como refere Vítor Serrão¹⁰, inspirados na obra daquele pintor francês.

Quanto ao arquitecto responsável pelas obras de alargamento e beneficiação do palácio, e à semelhança do que também acontece com o autor do primitivo projecto, não temos dados objectivos que nos permitam avançar em segurança com uma atribuição definitiva. No entanto, defendemos que o arquitecto português José da Costa e Silva se apresenta como o mais que provável autor do traçado. Observando o panorama de arquitectos existentes em Portugal nessa época, percebemos ser este o melhor colocado para realizar este projecto. Por outro lado, reforça-nos esta ideia a ligação existente entre o arquitecto e o



Fig. 4 – Fresco de Pillement representando cena mitológica

⁸ In http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B.aspx.

⁹ Idem.

¹⁰ Serrão, Vítor, *Sintra*, Lisboa, 1989, p. 66.

marquês de Marialva, nomeadamente um trabalho executado para a capela da quinta de Marvila, propriedade do marquês¹¹.

A Sintra monumental e vanguardista do século XVI, adormecida durante o século XVII e a primeira metade do século XVIII, renasce neste período para se revelar um dos locais mais exuberantes do país e integrar as rotas das classes mais abastadas do reino e da Europa culta de então¹². A título de exemplo, referenciamos os membros dos círculos intelectuais franceses, ingleses e italianos que viajavam por toda a Europa e que foram particularmente importantes para a fama de Sintra e para a sua divulgação a nível mundial¹³. De entre todos esses viajantes, não podemos deixar de destacar os ingleses, que aqui acorreram em grande número, e, em particular, William Beckford e Lord Byron, que imortalizaram Sintra na poesia e na literatura de viagens¹⁴.

De facto, ao longo de pouco mais de dois séculos de existência, o Palácio de Seteais foi cenário privilegiado para eventos culturais, sociais e desportivos, modelo de eleição para artistas e inspiração para poetas e escritores portugueses e estrangeiros. Perpetuou-se nos *carneiros* de muitos viajantes europeus, tais como Marianne Baillie¹⁵ ou Carl Israel

¹¹ Silva, José Cornélio da, *Palácio de Seteais*, Elo, Lisboa, 1991, p. 59.

¹² Coutinho, Glória Azevedo, *Monserate*, Livros Horizonte, Lisboa, 2008.

¹³ Murphy, James, *Travels in Portugal through the provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura and Alentejo in the years 1789 and 1790*, Londres, 1795;
Neto, Maria João Baptista, *A Arquitectura de Santa Maria de Alcobaça e a discussão em torno das origens do gótico nos finais do séc. XVIII. Uma descrição inédita do Mosteiro de 1760*. Separata da Revista *Cister, Espaços, Territórios, Paisagens*. Colóquio Internacional realizado em Junho de 1998 no Mosteiro de Alcobaça, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, 1998.

¹⁴ *Sintra – Património da Humanidade*, Câmara Municipal de Sintra, 1996.

¹⁵ Baillie, Marianne, *Lisbon in the years of 1821, 1822 and 1823*, Colecção Textos BN, Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, 2002.

Ruders¹⁶, e na literatura portuguesa pela pena de Eça de Queirós¹⁷, entre outros.

A relação dos cidadãos ingleses com Portugal estreitou-se bastante ao longo do século XVIII. Para esta situação, contribuíram não só as relações comerciais existentes entre as duas nações, mas também, e em particular, o *Grand Tour Continental*, que invadiu o espírito do Homem iluminista. Esta grande viagem acabou mesmo por se tornar obrigatória para os jovens provenientes das elitistas classes abastadas inglesas e constituía um ritual de transição da adolescência para a idade adulta. Apesar de Portugal não ser um dos locais que os viajantes privilegiavam em termos culturais, aos poucos os estrangeiros descobrem o país. Se uns vêm trabalhar, outros vêm em viagem ou de férias prolongadas.

Portugal era, neste período, muito ruralizado e extremamente atrasado em relação a países como a França ou a Inglaterra. No entanto, a situação geográfica e um clima privilegiado foram determinantes para a fixação de muitos estrangeiros durante longos períodos de tempo. De facto, eram muitas as famílias europeias abastadas, nomeadamente britânicas, que escolhiam Portugal para passar temporadas na estação estival devido ao ar puro e quente, tão benéficos para várias doenças do foro respiratório – em particular para a tuberculose pulmonar, que se tornou uma doença endémica em toda a Europa neste período¹⁸. O Centro e Norte da Europa em nenhum momento podia, ou pode, competir com um clima tão excepcional como o mediterrânico/atlântico.

É claro que a curiosidade relativa ao país aumentou paulatinamente. Não é, portanto, de admirar que tenham crescido os viajantes e o interesse por

¹⁶ Ruders, Carl Israel, *Viagem em Portugal 1798-1802*, Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa, 1981.

¹⁷ Queirós, Eça de, *Os Maias*, s. l., 1888.

¹⁸ Berkeley, Alice e Lowndes, Susan, *English Art in Portugal*, Collection História da Arte, Edições Inapa, Lisboa, 1994, p. 88.

Portugal e nomeadamente por Sintra e Seteais. De entre os vários visitantes ilustres, não podemos deixar de destacar William Beckford (1760-1844), considerado o homem mais rico de Inglaterra no seu tempo, e o poeta Lord Byron (1788-1824). Há mesmo quem diga que Beckford poderá ter escrito o romance que lhe deu fama – *Vathek* – em Sintra, assim como alguns dos poemas do famoso *Child Harold's Pilgrimage*¹⁹ de Lord Byron.

Thomas Pitt (1737-1793), um ilustre viajante que chegou à Península Ibérica em 1760, foi, da mesma forma, uma importante influência para a divulgação da Cultura portuguesa em Inglaterra²⁰. Esta prestigiada personagem fazia parte do chamado *Círculo de Cambridge*, onde conviviam algumas das figuras mais cultas e influentes do país e onde se podia encontrar Horace Walpole²¹ e Thomas Grey. Surgiram ainda várias obras literárias no âmbito da literatura de viagens e das quais não podemos deixar de destacar as cartas e o diário de William Beckford, compilados mais tarde em duas obras: *Diário de William Beckford (em Portugal e Espanha)* e *A Corte da Rainha D. Maria I.*

Surgiram, também, várias gravuras e pinturas de monumentos e paisagens, tão ao gosto da Europa culta de então e que tiveram mais tarde, já no século XIX, um momento de excelência com particular destaque para a relação de proximidade entre James Murphy e o Mosteiro da Batalha. Na verdade, todos estes livros, brochuras, pinturas e gravuras serviram como promotores para a divulgação do nosso país no estrangeiro. A curiosidade dos ingleses foi significativamente aguçada e

¹⁹ Publicado entre 1812 e 1818.

²⁰ Neto, Maria João Baptista, “*art. cit.*,”.

²¹ Horace Walpole (1717-1797), historiador e crítico de Arte fundador do romance gótico.

eram cada vez mais aqueles que pretendiam conhecer as maravilhas narradas ou pintadas pelos seus compatriotas²².

Na obra *Portugal or The Young Travellers*²³, o seu autor anónimo descreve-nos alguns dos locais que visitou na zona de Lisboa e do Alentejo. Este livro, tão relevante para o conhecimento do nosso país neste período, começa com uma frase muito interessante: “*Lord Orford has said, ‘Why should we not whrite what we see: the simple narrative of facts has often more interest than the most ‘elaborate ficcion.’*”.

De facto, nas obras de literatura de viagem, muitas vezes há uma maior preocupação em tornar os textos demasiado literários e menos descritivos. No caso presente, temos algumas reservas em inserir esta obra no contexto da literatura de viagens. O seu autor é anónimo e por isso dificulta-nos essa classificação. Por outro lado, podemos admitir que se trate apenas de uma obra de divulgação para cidadãos estrangeiros de visita a Portugal. De qualquer das formas, este autor anónimo apresenta-nos uma interessante descrição do Palácio de Seteais.

No texto que agora transcrevemos, é indicada uma proximidade temporal face à realização da Convenção de Sintra. Ora, como esta Convenção terá sido assinada a 30 de Agosto de 1808, é possível que este relato não tenha acontecido muito depois da sua realização e mais uma vez se coloca a questão do local respectivo. Tal não é o nosso objecto de estudo, porém, não podemos deixar de estranhar mais esta referência à assinatura desta Convenção em Seteais e em data tão próxima ao evento.

²² A propósito da viagem de Thomas Pitt à Península Ibérica, ver: Maria João Baptista Neto, *art. cit.*, e Matilde Mateo, *En busca del origen del gótico: El viaje de Thomas Pitt por España em 1760*, Goya Revista de Arte, 2003.

²³ Cujo título completo é *Portugal; or the Young Travellers: being some account of Lisbon and its environs, and of a Tour in the Alemtejo, in wich the Customs and manners of the inhabitants are faithfully detailed*, datada de 1830.

“The Marialva palace was within a walk, and they were eager to see it. Marialva is a handsome building, with two wings of equal size, which are divided in the middle by an arch-way that leads to the garden, and is raised at the top with the emblems of war, so as to be much above the house itself. One room alone in the house, possessed any great interest. It was that in which the convention of Cintra was signed. The floor is stained with drops of ink, which are asserted to be indelible, and to have fallen the pens so sadly misemployed on that occasion. Mr. Grey pointed them out to this children. ‘Such’, he said, ‘is the origin of most traditions. To us who live so near the event, the expression, «they cannot come out», conveys nothing more than that they are left there as monuments of so memorable a mistake. But in succeeding years, or ages, if this palace lasts so long, it will be asserted, perhaps, and received as a positive fact.’

In one of the lower rooms is a gallery of well-selected English caricatures, into the spirit of which the little party entered heartily. They had, naturally, little taste for politics (...)

In the gardens there was nothing to attract, more than was to be found in every part of Cintra. They were full of fruit-trees; and the party tasted here, for the first time, the sweet lemon, which is cold and refreshing, though without any flavour superior to water and sugar slightly mixed with bitter of the peel. The red passion-flower was blossoming in great beauty, with fuscias, the size of which surpassed any thing they had seen; and they wandered about till not a corner was left unexplored, and even then were reluctant to leave so sweet a spot.”²⁴

Uma das primeiras descrições existentes sobre o Palácio de Seteais e o seu jardim foi feita por uma mulher. Falamos de Marianne Baillie (1795-1831), uma súbdita britânica, apresentada por A. H. Grant como *traveller*

²⁴ *Portugal; or the Young Travellers: being some account of Lisbon and its environs, and of a Tour in the Alemtejo, in wick the Customs and manners of the inhabitants are faithfully detailed*, Harvey and Darton, London, 1830, pp. 132-133.

*and verse-writer*²⁵, que veio viver para Portugal com o seu marido em Junho de 1821 em busca de melhores condições de vida. O seu marido, Alexander Baillie, era proprietário de uma imprensa e chegou mesmo a escrever um prefácio para uma obra de sua esposa que não chegou a ser editada²⁶.

A estadia em Portugal prolongou-se até Outubro de 1823 e, durante esse período, Baillie escreveu várias cartas à sua mãe, que vivia em Inglaterra, vindo mais tarde a serem compiladas e publicadas pelo seu editor, John Murray. Esta não era a sua primeira experiência na literatura de viagens. Já em 1819, tinha editado o resultado do *Grand Tour*, que realizara em 1818, com o pomposo nome de *First impressions on a tour upon the Continent in the summer of 1818, through parts of France, Italy, Switzerland, the borders of Germany, and a part of french Flanders*. As impressões sobre Lisboa e os seus arredores seriam publicadas pela primeira vez em 1824 e com o nome de *Lisbon in the years of 1821, 1822 and 1823*.

Nessa obra, e sobre Seteais, podemos ler: “*Nada, certamente, pode ser mais aprazível do que um panorama assim; e todavia um passeio de 10 minutos desde o hotel*²⁷ *oferecerá ao amante do sublime uma paisagem ainda mais perfeita. Refiro-me aos jardins do Palácio Marialva (...) de onde o complemento soberbo de um cenário de montanhas escarpadas pode ser apreciado.*”²⁸.

E, sobre o palácio em particular, escreveu:

²⁵ Baillie, Marianne, *Lisboa nos anos de 1821, 1822 e 1823*, Coleção Textos BN, Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, 2002, p. 7.

²⁶ Idem.

²⁷ Certamente o Hotel Lawrence, propriedade de ingleses, e aquele que poderia ficar a cerca de 10 minutos de Seteais.

²⁸ Baillie, Marianne, *op. cit.*, p. 44.

“O Marialva pertence ao marquês desse nome (agora banido do país, devido às suas opiniões políticas) e é uma das grande atrações de Sintra, sendo o sítio favorito de todas as classes nas tardes de domingo e dias feriados. Está sempre aberto, e isto lembra-me um amável aspecto do modo de ser dos Portugueses – mostram-se sempre encantados em facultarem aos outros a vista ou o uso das suas propriedades, e consideram o desejo destes de as percorrer como um cumprimento. Isto tem-me sido confirmado por vários residentes ingleses e pode servir de lição para muitos dos nossos proprietários de terras. O Marialva é um edifício de belo aspecto no seu conjunto, e pode provavelmente vir a ser conhecido no futuro por ter sido o lugar onde foi assinada há alguns anos a célebre Convenção. Será pelo menos lembrada por tanto tempo quanto Childe Harold continue a ser lido! Os jardins são variados e a vista das janelas dos dois lados da casa é magnífica. A despeito do que é geralmente reconhecido ser de bom gosto, não pude deixar de ficar satisfeita com o contraste da rude simplicidade do aspecto geral que uma pequena e antiquada parte ajardinada em frente da mansão apresenta. Foi concebida no estilo formal e gracioso do nosso Guilherme III e a vista das sebes bem cuidadas de teixo e buxo, intersectadas em ângulos rectos, combinadas com o alambicado jet d’eau ao centro, transportou-me em imaginação a Hampton Court, e trouxe-me à lembrança estes versos de Pope, onde ele fala desta particular maneira de plantar:

*Grove nods at grove, each alley has a brother,
And half the platform just reflects the other.”²⁹*

“Pela tarde fomos ver o interior do Palácio de Marialva, que é, de facto, não propriamente o que se chama um palácio, mas uma grande mansão de campo, que até aqui tem sido conservada em tolerável bom estado. Enquanto deambulávamos pelos espaçosos aposentos, onde aqui e além uma peça de mobiliário inglês contrastava com vantagem com o estilo

²⁹ Baillie, Marianne, *op. cit.*, pp. 52-53.

geral estrangeiro da decoração, ficámos impressionados com a excelente maneira como as paredes de todos os quartos estão pintadas a fresco. É essa a única coisa em que penso ser o gosto português melhor do que o nosso: a delicadeza e beleza de colorido e a variedade dos desenhos (estes cópias de modelos antigos, especialmente flores) são de longe preferíveis aos mais elaborados papéis franceses, e embora artistas italianos sejam por vezes empregados, os próprios Portugueses mostram-se muito satisfeitos com a execução deste estilo de decoração, que se vê por toda a parte, tanto em Lisboa como na província.”³⁰.

Mas nem só ingleses contaram as belezas de Portugal, e nomeadamente de Seteais e Sintra, aos seus compatriotas. Carl Israel Ruders (1761-1837) um sacerdote sueco que desempenhava funções de capelão junto da comitiva sueca, a residir em Lisboa entre 1798 e 1802, na sua obra *Viagem a Portugal – 1798-1802*, escreveu o seguinte, a propósito de Sintra:

“Nem o paisagista da mais rica fantasia, capaz de reunir numa tela muitas belezas esparsas combinando-as idealmente para dar a impressão e o encanto da realidade, poderia, a propósito de Sintra, fazer um quadro que não fossem fragmentos destacados.

O panorama que a Natureza ali oferece é, em si próprio, tão variado que não há artista com forças para abrangê-lo ou copiá-lo no seu conjunto. E que diferença haveria sempre entre a paródia da Arte e a Realidade viva! De resto, nenhum dos meus amigos, por mais perfeita que fosse a descrição que eu pudesse traçar, conseguiria por ela fazer uma ideia do aspecto de Sintra, visto que a Natureza, no nosso país, não apresenta regiões que se lhe possam assemelhar (...) a deleitosa recordação desta viagem a Sintra jamais se apagará da minha memória em todo o resto

³⁰ Baillie, Marianne, *op. cit.*, p. 63.

*dos meus dias, embora eu tenha de guardar só para mim o prazer que ela me causou.*³¹

Apesar de não citar expressamente Seteais, parece-nos importante esta citação. De facto, a paisagem sintrense, com o seu património natural e cultural, assume-se como um local de excelência que desarma todos os seus observadores perante tamanha beleza. Outras fontes referem e descrevem o palácio e o seu terreiro fronteiro.

Fernando Dinis, na sua obra *Portugal Pitoresco ou Descrição Histórica deste Reino*, publicada em 1847, relata-nos o seguinte:

“Seguindo a mesma estrada de Colares, se vê do lado direito um grande rossio chamado Senteais, por uns, por reproduzir o som repetido, como cousa viva e que sente; e por outros Seteais, por repetir o mesmo som sete vezes (...) Neste campo costumavam antigamente fazer exercício as ordenanças da vila e termo. Hoje é dos passeios mais frequentados, e ponto de reunião onde se juntam os diferentes grupos de passeantes no fim da tarde. No fim deste campo, que ornam duas alamedas de árvores dos lados, está um belo palácio, que pertenceu ao marquês de Marialva, e ultimamente o possui a Exma. marquesa de Lourçal. Consta este elegante edifício de duas casas de igual arquitectura, uma das senhoras, de belas salas, e outra para criados, ligadas por um belo arco de cantaria servindo-lhe de remate um trofeu com os bustos, no centro, del Rei D. João VI, e da rainha D. Carlota Joaquina, sua mulher (...).

Nesta casa teve o antigo proprietário a honra de receber a visita da rainha D. Maria I, sendo por ele recebida com aquela bizzarria de génio, polidez e galhardaria de que este fidalgo tão estimável deixou de si saudosa memória entre os estranhos e nacionais.

É este palácio sobretudo célebre pela chamada convenção de Cintra, que nele se assinou, a qual segundo a frase de um poeta inglês fez mudar a estática alegria de uma nação na mais lúgubre tristeza. O mesmo poeta

³¹ Ruders, Carl Israel, *Viagem em Portugal, 1798-1802*, Lisboa, 1981.

(Lord Byron) com o seu estilo de víbora anatematizou os autores de tão vergonhoso feito. A sua imaginação criou um génio de mesquinho talhe, ataviado e vestido de pergaminhos, com um selo à tiracolo, e um rolo onde brilham nomes conhecidos na ordem dos cavaleiros, para cujas assinaturas apontam a bom rir, e as mostram com despeitoso escárnio ao viajante; o nome do génio que habita o palácio é a convenção que neste sítio privou de miolos (segundo a frase do poeta) e destroçou os chefes de um exército vencedor, cedendo loucamente à diplomacia aquilo que por armas haviam ganhado.

Eminente à fachada, lhe fica sobranceira a serra, semeada de enormes penedos, amontoados desordenadamente uns sobre os outros, que parecem estarem-lhe desabando em cima, e em cujos dois cumes mais elevados se avista, em um as ruínas do castelo mourisco, e no outro o templo consagrado a Nossa Senhora da Penha. Do lado direito lhe fica sobranceira a romântica ermida da Penha Verde, sobre os rochedos branqueando entre a verdura dos bosques; e das costas do edifício se avistam algumas léguas de campo, vendo-se ao longe o gigantesco templo de Mafra, acabando em uma dilatada vista do oceano.”³².

Em 1847, ano em que foi publicado este texto, já o Palácio da Pena se encontrava praticamente terminado. O autor só refere o templo consagrado a Nossa Senhora da Penha e não a magnífica estrutura edificada por D. Fernando II, o que é estranho. É possível que o texto tenha sido escrito algum tempo antes do palácio estar concluído.

Na maior parte dos casos, era a partir de Lisboa que os viajantes seguiam para Sintra. No século XIX, seriam já muitos os visitantes que acorriam à cidade de Lisboa. A publicação de um guia em português com os principais monumentos, quintas e outros locais de interesse da capital e Sintra, Colares e Mafra, são indicadores disso mesmo. A propósito do

³² Dinis, M. Fernando, *Portugal Pittoresco ou descrição histórica deste reino*, Vol. IV, Typografia de L. C. da Cunha, Lisboa, 1847, pp. 112-114.

Palácio de Seteais e do campo fronteiro, encontramos neste guia a seguinte passagem:

“Seteais – Formoso campo, que termina em um bom palácio, pertencente outrora ao marquês de Marialva, depois ao de Lourçal, e hoje creio que ao de Loulé. Aí assinaram em 1808 a convenção que salvou Portugal da invasão francesa, os generais Wellington e Junot. No campo passeiam à tarde muitas famílias e é outro lugar de “rendez-vous” como a Regaleira, com a diferença de este ser inteiramente público e a Regaleira fechada por muros e portas, que só se transpõem com licença dos habitantes da casa.”³³.

Nesta edição anónima, datada de 1853, há, de facto, uma preocupação de informar o viajante sobre os principais locais de interesse. Para além de descrições, mais ou menos detalhadas, dos sítios e estruturas a visitar, o anónimo adicionava também textos e poemas de vários autores que ilustravam os locais a apresentar ao leitor. Um desses autores foi o príncipe Felix Lichnowsky, como ficou conhecido na História o aristocrata e militar prussiano que esteve em Portugal em 1842 e perpetuou as suas impressões sobre essa estadia num livro intitulado: *Portugal: recordações do anno de 1842*. Desse livro, de que logo em 1844 se fez uma tradução, foi transcrito, para o *Guia do Viajante*, o seguinte texto:

“Quanto mais tempo me demorava em Sintra, tanto mais aprazível me parecia, e mais sonhadamente romântica; até que, quando finalmente me foi forçoso partir, repassou-me um tão íntimo desgosto que de todo se tornou manifesto para mim, que ali havia muito mais do que aquilo que haviam descoberto meus olhos profanos. O pesar da minha separação era a vingança do encantamento que eu desconheci. Essas frescas veredas cobertas de folhagem, o crescimento magestoso e exuberante da vegetação; as cascatas e frigidíssimos regatos, as montanhas e penedias, a

³³ *Novo Guia do Viajante em Lisboa e seus arredores – Cintra Collares e Mafra*, Loja de Livros de J. J. Bordalo, Lisboa, 1853.

perspectiva das campinas e do oceano, tudo isso nunca o esquecerei, e com a autoridade de Byron e de Camões, com a opinião dos poetas e dos iliteratos de todos os tempos proclamarei Cintra o mais belo de todos os sítios da terra."³⁴.

Na segunda metade do século XIX, não foi produzida muita informação sobre o Palácio e o Campo de Seteais, provavelmente em consequência do estado de abandono a que foi votado. Eça de Queirós³⁵, na sua obra prima *Os Maias*, descreve-nos o palácio abandonado de uma forma extraordinariamente romântica e que ainda hoje nos fascina, Diz-nos ele:

*"(...) No vão do arco, como dentro de uma pesada moldura de pedra, brilhava, à luz rica da tarde, um quadro maravilhoso, de uma composição quase fantástica, como a ilustração de uma bela lenda de cavalaria e de amor. Era no primeiro plano o terreiro, deserto e verdejando, todo salpicado de botões amarelos; ao fundo, o renque serrado de antigas árvores, com heras nos troncos, fazendo ao longo da grade uma muralha de folhas reluzente; e emergindo abruptamente dessa copada linha de bosques assoalhado, subia no pleno resplendor do dia, destacando vigorosamente num relevo nítido sobre o fundo do céu azul-claro, o cume airoso da serra, toda cor de violeta-escura, coroada pelo Palácio da Pena, romântico e solitário no alto, com o seu parque sombrio aos pés, a torre esbelta perdida no ar, e as cúpulas brilhando ao sol como se fossem feitas de ouro (...)"*³⁶.

O século XX também não foi muito profícuo em informação. Destacam-se notícias nos jornais locais, dando conta de actividades religiosas e

³⁴ Lichnowsky, Príncipe, *Portugal: Recordações do anno de 1842*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1844, p. 34;
Novo Guia do Viajante em Lisboa e seus arredores – Cintra Collares e Mafra, Loja de Livros de J. J. Bordalo, Lisboa, 1853, pp. 178-179.

³⁵ Queirós, Eça de, *Os Maias*, s. l., 1888.

³⁶ Eça de Queirós, *Os Maias*, Círculo de Leitores, s. l., 2005, p. 224.

desportivas ou ainda notícias relativas à tentativa de encerramento do Campo de Seteais por parte do conde de Sucena.

O Palácio de Seteais conservou a sua traça desde a campanha patrocinada pelo 5.º marquês de Marialva. Ao longo da centúria oitocentista e da primeira metade do século XX, a propriedade teve vários senhorios. A 15 de Outubro de 1946, o Estado português adquiriu finalmente o Palácio e a Quinta de Seteais e ainda os domínios útil e directo do Campo de Seteais. A partir da década de cinquenta, o edifício sofreu significativas obras de adaptação a hotel.

Nas décadas seguintes, a estrutura foi alvo de intervenções de beneficiação, restauro e consolidação, que permitiram, por um lado, cuidar do palácio enquanto património e, por outro, aumentar o conforto dos hóspedes que ali acorrem em grande número anualmente. Actualmente, o palácio está concessionado ao grupo Tivoli que o explora como Hotel de Luxo. Entre 2008 e 2009, todo o palácio foi alvo de uma grande campanha de restauro promovida pela entidade que o explora e supervisionada pelo Estado português através do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico.

O Palácio de Seteais, para além de integrar a Paisagem Cultural de Sintra (UNESCO, 6 de Dezembro de 1995), está classificado como Imóvel de Interesse Público pelo Estado português, abrangendo: palácio, jardins, terraços, quinta, conjunto de construções e terreiro vedado, pelo Decreto de Lei n.º 36 383 de 28 de Junho de 1947.

BIBLIOGRAFIA

BAILLIE, Marianne, 2002, *Lisbon in the years of 1821, 1822 and 1823*, Tradução e Introdução Albano Nogueira, Lisboa, Textos BN.

BECKFORD, William, 1901, *A Corte da Rainha D. Maria I*, Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão.

BECKFORD, William, 1957, *Diário de William Beckford (em Portugal e Espanha)*, Lisboa.

BERKELEY, Alice e Lowndes, Susan, 1994, *English Art in Portugal*, Collection História da Arte, Lisboa, Edições Inapa.

COUTINHO, Glória Azevedo, 2008, *Monserate*, Lisboa, Livros Horizonte.

DINIS, M. Fernando, 1847, *Portugal Pittoresco ou descrição histórica deste reino*, Vol. IV, Lisboa, Typografia de L. C. da Cunha.

FRANÇA, José-Augusto, 1990, *A arte em Portugal no Século XIX*, 1.º Vol., Lisboa, Bertrand.

MATEO, Matilde, 2003, *En busca del origen del gótico: El viaje de Thomas Pitt por España em 1760*, Goya Revista de Arte.

MURPHY, James, 1795, *Travels in Portugal through the provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura and Alentejo in the years 1789 and 1790*, Londres.

NETO, Maria João Baptista, 1998, *A Arquitectura de Santa Maria de Alcobaça e a discussão em torno das origens do gótico nos finais do séc. XVIII. Uma descrição inédita do Mosteiro de 1760*. Separata da Revista

Cister, Espaços, Territórios, Paisagens. Colóquio Internacional realizado em Junho de 1998 no Mosteiro de Alcobaça. IPPAR.

Novo Guia do Viajante em Lisboa e seus arredores – Cintra Collares e Mafra, 1853, Lisboa, Loja de Livros de J. J. Bordalo.

Portugal; or the Young Travellers: being some account of Lisbon and its environs, and of a Tour in the Alemtejo, in wick the Customs and manners of the inhabitants are faithfully detailed, datada de 1830.

QUEIRÓS, Eça de, 1888, *Os Maias*, s.l.

Ruders, Carl Israel, 1981, *Viagem em Portugal 1798-1802*, Lisboa, Biblioteca Nacional.

RUDERS, Carl Israel, 1981, *Viagem em Portugal, 1798-1802*, Lisboa.

SERRÃO, Vítor, *Sintra*, 1989, Lisboa, Presença.

SILVA, José Cornélio da, 1991, *Palácio de Seteais*, Lisboa, Elo.

Sintra Património da Humanidade, 1996, Câmara Municipal de Sintra.